

Suplemento Literário

TODOS OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTE SUPLEMENTO SÃO ORIGINAIS E DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DE SEUS SIGNATARIOS. ACHANDO-SE COMPLETO O QUADRO DE COLABORADORES PERMANENTES, A DIREÇÃO NÃO GARA POR ACASO REMETIDAS AINDA QUANDO NÃO APROVEITADAS. A PUBLICIDADE INSERTA NESTE SUPLEMENTO OBEDECE A NORMAS ESPECIAIS, QUE PODERÃO SER ENCONTRADAS NA A

ARTE

O fim da gravura popular nordestina

MARCUS FREDERICO CORTEZ

A gravura popular do nordeste do Brasil vive hoje os seus últimos momentos. Poder-se-ia pensar, o que seria natural, que logicamente com o aparecimento do clichê a gravura teria este fim. No entanto, isto não acontece. O principal culpado pela condenação da gravura é a ebulição do folheto de hoje — o único consumidor e único incentivador da produção da gravura. Será isto o que este artigo tentará definir.

A literatura de cordel é um marco de resistência da sociedade agrícola à burguesa, que está cedendo em muitos de seus princípios e tomando uma nova mentalidade: a da livre iniciativa. Se o folheto não responde a necessidade de transformar-se em novela, por serem os seus heróis tipos sociais característicos de uma sociedade rural, responderá a necessidade de transformar-se num produto de motivação burguesa. Na realidade, o folheto se transformou num produto essencialmente rentoso, cuja preocupação é atender os novos gostos do seu público, o qual está condicionado pela cultura de massa da sociedade burguesa. O folheto aprendeu a ser imbui de um espírito capitalista, passando a ser pensado em bases comerciais, fato que revolucionou a sua política editorial. O processo desta apreensão é, por outro lado, quase todo o histórico da abertura de resistência do folheto à sociedade urbana.

Existem três tipos de folhetos que mostram bem a nova mentalidade editorial e que são justamente os mais vendidos: a) "os folhetos de época", aqueles que comentam fatos em voga baseados em jornais e rádio, como o de Emiliano de Souza Campos, "A Santa que chora", o qual alcançou na época em que foi notícia a tiragem de 60 mil exemplares; b) aqueles que sem alterar o esquema natural do folheto divulgam figuras épicas popularizadas pelo cinema, rádio e revista em quadros como são os exemplos de "Jerônimo o grande herói do sertão" ou dos dois de João José da Silva, "O manto sagrado" e "O cangaceiro", baseados visivelmente nos respectivos filmes; c) aqueles mais famosos perante o público leitor da literatura de cordel, os quais são constantemente reeditados como é o caso do de Caetano Cosme da Silva, "O assassino da honra ou a louca do jardim", bastante solicitado pelo alto índice melodramático e que já atingiu a 20.ª edição, quer dizer, a uma tiragem de aproximadamente 200 mil exemplares.

É bem verdade que o folheto se ajustou à nova sociedade condicionada por uma série de motivos, entre os quais se encontra a influência da cultura de massa que respondia justamente aos novos gostos do público. Nesta fase de dois gumes, o folheto recupera o atraso sob pena de não continuar a subsistir e entra numa fase de aperfeiçoamento, como se vê pelos três tipos de folhetos enunciados acima, integrando-se plenamente na sociedade do nordeste de hoje. Este aperfeiçoamento se registra até na pessoa física do folheto: a substituição da gravura pelo clichê do retrato de um artista etc. passa a ser uma forma de ajustamento da literatura de cordel à sociedade atual. O editor lança mão dessa técnica porque assim atenderá às novas necessidades do público e conseqüentemente venderá melhor.

Se antes o leitor do folheto comprava o exemplar e arrancava a gravura de Lampeão, Pe. Cicero, ou qualquer outra figura, para pregar na parede de sua casa, hoje ele deixa de lado, até as suas admirações mais sagradas, para ter em forma de cartão postal pendurado na parte principal do seu casebre o retrato do mocinho do filme que ele assiste no cinema da cidade. O autor deste trabalho ouviu da boca da esposa do principal editor de Pernambuco, o poeta popular João José da Silva, uma frase onde ela afirmava que "eles (se referia ao público) preferem os folhetos que trazem na capa retratos de artistas e de que a gravura está saindo da moda" (1).

A encruzilhada que parece existir hoje para a gravura não existiu quando o folheto começou a utilizar o clichê, pois a literatura de cordel coneciliava e dividia o uso de um e do outro. O clichê trazia cartões postais e estampas contendo geralmente um par de namorados em profundo delírio romântico — reflexo de qualquer maneira de uma "belle époque", mas que, na verdade, estava longe do significado dos reflexos atuais. Tanto é que a produção da gravura continuou em franco progresso, levando, às vezes, a melhor sobre a do clichê, pois era mais econômica.

O sentido que tomou a atual encruzilhada é diferente do sentido da que sucedeu com o advento do clichê. Hoje, não só pesa uma mudança formal, que de qualquer maneira existe, a da substituição da gravura pelo clichê, como basicamente uma mudança contedutística. Que alterou as perspectivas do folheto, as suas formas de produção e a sua política editorial. Esta última passou a adotar outros critérios, colocando a gravura para trás e dando vez ao clichê, a peça mágica que atendia os novos gostos. No entanto, a gravura tem, a sua resposta, e eis onde está o núcleo da questão: ela reage se incorporando aos novos padrões dominantes e tenta se aproximar da fotografia. O esboço de sua resistência e a sua luta pela sobrevivência possui uma mensagem altamente curiosa e palpante.

A figura que existe na capa do folheto "O Valentão do Norte" caracterizando o valente sertanejo chamado por este nome, traz um chapéu de abas largas, camisa com gola fechada e de bolsos no peito com as duas iniciais V. N. e um estrela no cabo do revolver: a copia fiel de um mocinho de filme seriado norte-americano. Este exemplo, entre tantos outros, exprime muito bem o tipo de reação da gravura, que, ao se

ver ameaçada, procurou se ajustar aos padrões do folheto na sua nova consciência editorial. Lampeão, Antonio Silvino, São Pedro, Pe. Cicero, Satanás, vistas de cidades e cantadores de pelegas passam a ser fotografados pela gravura, onde ela procura guardar a maior identidade possível e com o máximo de nitidez. As vezes, quando o folheto trata de um herói marginal, isto é, aquele sem nenhum contexto real, o gravador tenta identificar a figura deste herói de acordo com a descrição feita pelo poeta no texto do folheto. Embora surjam contradições da natureza das do folheto "O crente e o cachaceiro", onde o rosto do segundo é de um primitivo admirável e o do primeiro, por sua vez, é de um caráter nitidamente fotografico.

A gravura é vítima de sua própria armadilha ao procurar se ajustar a um tempo que não é o seu. Quando procura representar as figuras reais e fictícias conforme os novos padrões, abre o jogo e revela que não se separará de sua dupla forma de representar o real: uma que é histórica, a concepção ideal da natureza; a outra que é o fruto do seu ajustamento aos tempos atuais, a concepção fotografica da natureza. Logo, por mais que as figuras reais e fictícias sejam "fotografadas" não deixarão de ter traços de um naturalismo ingenuo denotadores da contradição interna da gravura. Isto quando não acontece um exemplo grotesco, tipo "O crente e o cachaceiro" ou "As maravilhas que vê-se no banho de Copacabana", onde os corpos das banhistas aparecem cinematograficamente traçados enquanto os rostos caem no mais puro primitivo.

Como se vê, tudo concorre para se acreditar na instabilidade da forma de ajuste da gravura, que ao se tornar um processo acabou por criar uma nova mentalidade no gravador, aquela que prega a identidade e copia do natural na concepção mais rigorosa. O popular gravador, Palito, do Estado de Pernambuco, autor da celebre gravura de "Chegada de Lampeão no Inferno", é hoje bastante criticado pela a do "Intriga do cachorro com o gato", pois esta apresenta uma maior abstração de linhas, apesar de ser ainda bem figurativa. O empenho da identidade passa a ser um critério estético e prevalece como tal na base do juízo do estar ou não parecido. Esta mentalidade rendeu belas gravuras, sobretudo quando representa frutas e animais, onde o empenho parece ter sido maior. O boi e o cavalo da gravura de José Costa Leite que saiu na capa do folheto "O vaqueiro Zé de Melo e o boi misterioso", e o cajú, gravura numero 11 do album de gravuras populares organizado por Orlando da Costa Ferreira e Pierre Furter, são simplesmente belos trabalhos de arte.

Esta mentalidade nas suas reações tão espontaneas ainda não percebeu que isto significa o fim da gravura. A proporção da mudança contedutística se acumula dia a dia e a gravura se acha na obrigação de acompanhá-la, sob pena de desaparecer antes da condenação total. E assim prossegue, tentando mesmo com suas contradições internas imitar o natural e o fotografico, ignorando na sua boa vontade que por trás de tudo isto há uma concorrência desleal, a concorrência da madeira contra a luz — a qual jamais permitirá uma conciliação como a que deseja a gravura (2).

(1) Os dados apresentados neste trabalho foram conseguidos pelo autor através da convivência e amizade com alguns dos poetas populares do Estado de Pernambuco, sobretudo Emiliano de Souza Campos e João José da Silva; o primeiro mantém uma barraca no mercado S. José em Recife exclusivamente para venda de folhetos e o segundo é atualmente o principal editor de todo o nordeste, superando José Bernardino da Silva, do Ceará.

Através dessa convivência o autor pôde apurar pequenos fatos de ordem pratica, mas, que colaboraram para o coramento da presente interpretação. Entre os quais se destaca o fim do uso da gravura como ilustração ao texto do folheto, pelo encarecimento do papel e da impressão ("Perseguições de Lampeão pelas forças legais", "Historia do boi mandigueiro e do cavalo misterioso"). Como a gravura estava saindo da moda não valia a pena o sacrificio financeiro para conservar a sua função ilustrativa. Então que o clichê fizesse as suas vezes. No entanto, isto não acontece. Se a mudança da gravura pelo clichê fosse apenas um processo de evolução técnica, por que não aparece em nenhum folheto o clichê como ilustração? Poder-se-ia alegar que isto foi um bites e sim justamente a criar os proprios. Isto seria clichê não estava obrigado a reconstituir os seus habitos e sim justamente a criar os proprios. Isto seria simplificar os problemas, como se estivesse querendo vê-los mais fáceis. O clichê não tem a função de ilustração que a gravura teve, porque ele surgiu na literatura de cordel em resposta à civilização da imagem, se é que o nordeste pode ser chamado assim.

(2) Além das dificuldades naturais, torna-se difícil localizar a autoria das gravuras dos exemplares que se tem em mãos porque geralmente elas são feitas varias vezes e por diversos gravadores. A celebre gravura de Palito, "Chegada de Lampeão no Inferno", já foi recortada inumeras vezes. O autor do presente artigo tem em seu poder dois exemplares daquele folheto, um que reproduz o original de Palito e o outro que foi recortado por um jovem gravador pernambucano; no entanto, se não fosse a informação de João José da Silva o fato teria passado despercebido em vista da perfeita semelhança entre ambos. Devido a essa facilidade — é só mostrar a gravura ao gravador e pedir a copia — muita coisa está sendo ressuscitada por colecionadores, algumas vezes sem o devido escrúpulo. O gravador foi envolvido pelo processo e mediante um pequeno treino refaz qualquer especie de gravura por 3 a 4 mil cruzeiros — o mesmo preço que ele cobra ao editor.

Uma pesquisa direta às matrizes poderia resolver o problema de localização de autor. Tudo indica que a Casa Rui Barbosa está empenhada neste proposito na pesquisa geral que tem em vista sobre a gravura popular. Há pouco aquela casa convidou um tecnico em arte grafica da categoria de Orlando da Costa Ferreira para colaborar neste sentido. Somente com esta pesquisa é que muita coisa sobre a gravura viria a se esclarecer.

Por fim, ainda a respeito da bibliografia, o leitor atento notará que os folhetos classificados dentro da chave dos três tipos novos possuem clichês em vez de gravuras. Fato que não deixa de ser bastante sintomatico do que aqui ficou formulado.



AUTOR: JOSÉ PACHECO
A Chegada de Lampeão no Inferno



O CRENTE E O CACHACEIRO



Autor: Pacheco

Alguns exemplos de gravura popular nordestina atual. Trata-se de capas para livros editados em edições de cunho popular

AUTOR: JOSÉ PACHECO

A INTRIGA DO CACHORRO COM O GATO



AUTOR: MANOEL APOLINARIO

As Maravilhas que Vê-se no banho de Copacabana

